

entrevista

“TODAS AS REVOLUÇÕES COLHERAM SUA POESIA TANTO DO PASSADO COMO DO FUTURO”

UMA ENTREVISTA COM MICHAEL LÖWY



A possibilidade de editar uma entrevista do renomado intelectual brasileiro radicado na França, Michael Löwy, é sem dúvidas um dos momentos marcantes dessa minha curta e singela “carreira acadêmica” – como assim denominam. Löwy é um autor que me influenciou em diversos aspectos, desde as afinidades “Luxemburgistas” baseados na concepção política de Rosa Luxemburgo; a valorização do pensamento crítico da América Latina; a atenção aos textos de juventude de Karl Marx; e principalmente o interesse pela crítica ao capitalismo desenvolvida pelos pensadores românticos.

A entrevista aqui apresentada, tem como objetivo uma jornada à algumas das principais obras de Michael Löwy, que versam sobre as temáticas que caracterizam

seu pensamento: começamos com duas questões sobre a recém lançada obra *Afinidades Revolucionárias*, em coautoria com Olivier Besancenot, que investiga a aproximação de marxistas e anarquistas no decorrer da história. Em seguida, mudamos a direção para explorar as ousadas análises que Löwy desenvolve acerca do romantismo, não o reduzindo a uma mera corrente artística – o que já não seria pouco - mas sim, o tratando como um movimento crítico ao capitalismo. Depois, ainda no campo artístico, exploramos os aspectos políticos e revolucionários presentes no surrealismo, cuja principal expressão são os escritos e ações de instigante personagem André Breton. Não poderíamos esquecer de tratar do pensamento político latino-americano – temática tão cara a Löwy - e assim, de-

envolvemos uma pergunta com o propósito de discutir a aproximação da esquerda latino-americana com pensamento cristão, relação que pode ser encontrada desde as primeiras atitudes em defesa dos povos indígenas pós invasão das Américas (como os discursos e textos de Antônio de Montesinos, Bartolomé de Las Casas, Francisco de Vitória, entre outros), até com a renomada Teologia da Libertação, movimento que resgata as bases populares do cristianismo. No fim de nosso percurso, voltamos nossa atenção para a reflexão ecológica tão recorrente na militância ecossocialista de Löwy, que, ao criticar o assim chamado "capitalismo verde" (ou "capitalismo sustentável") alerta: "o momento em que nos encontramos, do ponto de vista ecológico, mas também do ponto de vista da vida humana neste planeta, é de cinco minutos antes de meia noite".

A entrevista de Löwy é riquíssima do ponto de vista das referências mencionadas. Particularmente, possuo algumas discordâncias quanto a algumas temáticas exploradas por Löwy, principalmente em relação às interpretações que nosso autor faz da aproximação do romantismo tanto com o pensamento de Marx, quanto ao pensamento marxista. Entretanto, acredito não ser esse o espaço para uma contraposição, até porque será um trabalho que

exigirá bastante fôlego e tempo de pesquisa – que claro, tenho bastante interesse em desenvolver num futuro breve. Desse modo, quanto à função de edição, tentei me ater principalmente por oferecer direcionamentos àqueles leitores que, de alguma forma, sentirem que essa entrevista possa abrir caminhos para suas pesquisas, investigações e reflexões. Todas as notas de rodapé foram produzidas por mim, além de acrescentar também, ao fim do texto, as referências bibliográficas mencionadas no decorrer da entrevista.

Não poderíamos deixar de agradecer todo apoio que a Editora UNESP ofereceu ao Corpo Editorial da Revista de Ciências do Estado, servindo como agente mediadora que propiciou a confecção dessa entrevista. Agradecemos também ao trabalho voluntário de André Bueno Corrêa Moura, responsável por ajudar na revisão ortográfica dessa entrevista. Para aqueles que já conhecem, Löwy é um intelectual que dispensa apresentações. Porém, vamos cumprir o doloroso papel de mencionar um pouco de sua biografia – doloroso pois se existe a lembrança, há também o esquecimento. De antemão, pedimos desculpas pelos eventuais fatos importantes não mencionados nesse pequeno parágrafo que se segue.

Michael Löwy é um prestigiado pensador contemporâneo influenciado

por autores como Lucien Goldman, Georg Lukács, Walter Benjamin, Rosa Luxemburgo, José Carlos Mariátegui, León Trótski, e claro: Karl Marx. Brasileiro, Löwy formou-se em Ciências Sociais pela USP e logo em seguida mudou-se para a França com a finalidade de desenvolver sua pesquisa de doutorado sobre a teoria da revolução no jovem Marx. Em 1978, tornou-se professor de sociologia do *Centre National de la Recherche Scientifique* (Paris), e em seguida, diretor de pesquisas sociais na mesma instituição. Quanto à sua militância política, fez parte da Liga Socialista Independente além de se associar à Quarta Internacional. Sempre esteve próximo de movimentos sociais de esquerda, como o MST e a Liga Camponesa, além de ter participado também de partidos políticos (no Brasil, participou do processo de formação do PT além de, posteriormente, ter se ingressado às fileiras do PSOL). É autor de dezenas de livros, manifestos, artigos científicos e jornalísticos.

É momento de desfrutar, portanto, da entrevista que Michael Löwy concedeu de maneira exclusiva para a Revista de Ciências do Estado. Por vezes, nos sentimos tão à vontade, que nem notamos a utilização do mais singelo dos pronomes de tratamento: “você”.

Lucas Parreira Álvares
Março, 2017

Revice: No ano em que se comemoram os 500 anos do lançamento da obra *Utopia* de Thomas Morus, a Editora UNESP lançou no Brasil sua obra *Afinidades Revolucionárias*¹, escrita em coautoria com Olivier Besancenot. Você pode mencionar exemplos na história em que projetos utópicos foram compartilhados tanto por marxistas quanto por libertários?

Michael Löwy: O projeto utópico de uma sociedade sem classes, sem exploração, sem Estado, é comum a Marx e a Bakunin, assim como, de maneira geral, a marxistas e libertários. O que os separa é a proposta marxista de utilizar formas estatais de poder num período de transição para a sociedade comunista. Para os anarquistas, a abolição do Estado deve ser imediata. Na Comuna de Paris de 1871, nos primeiros anos da Revolução Russa (1917-1921) e da Revolução Espanhola (1936-37), muitos marxistas e anarquistas compartilhavam a esperança de que se tratava de uma tentativa de realizar os primeiros passos no caminho para esta utopia. O mesmo vale, ainda hoje, para as comunidades zapatistas auto-organizadas do Chiapas.

¹ Mais em: LÖWY, Michael; BESANCENOT, Olivier. **Afinidades Revolucionárias**: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: 2016, Editora Unesp, 200p. Vale mencionar que na atual edição da Revista de Ciências do Estado consta uma resenha à essa obra de Löwy e Besancenot.

Revice: No prefácio à edição brasileira de *Afinidades Revolucionárias*, você apresenta o exemplo recente do Movimento Passe Livre (MPL), que é uma organização composta, sobretudo, por “anarco-marxistas”. Buscando na história – ou na “contra história” – nacional, você também apresenta a Liga Comunista Internacional (LCI) como uma organização que, da mesma forma, reuniu marxistas e libertários na primeira metade do século XX. É possível sugerir alguma motivação semelhante que tenha sido capaz de unir essas duas ideologias em contextos históricos tão distantes?

Michael Löwy: Uma pequena retificação: a Liga Comunista Internacionalista, dirigida por Mário Pedrosa², Lívio Xavier³ e Fúlvio Abramo⁴, não incluía anarquistas: era uma organização marxista, comunista dissidente (trotskista). Foi a proposta, levantada por Mário Pedrosa em 1934, de formar uma Frente Única Antifascista (FUA), que reuniu comunistas, socialistas, trotskistas, anarquistas, sindicalistas e antifascistas em geral. Em 1934 a FUA enfrentou, de armas em punho, as colunas integralistas de Plínio Salgado na Praça

2 Mário Xavier de Andrade Pedrosa (1900-1981) foi um militante político brasileiro e crítico de arte e literatura.

3 Lívio Barreto Xavier (1900-1988) foi um jornalista e tradutor brasileiro.

4 Fúlvio Abramo (1909-1993) foi um jornalista e militante trotskista brasileiro.

da Sé, pondo-as em fuga. O episódio ficou conhecido como “a revoada dos galinhas verdes” (referências às camisas verdes da militância fascista brasileira). Nesse sentido, não se trata de algo comparável com o Movimento Passe Livre, que é uma rede horizontal de militantes de um movimento social.

Revice: Você e Sayre encerram a obra *Revolta e Melancolia* com a seguinte frase: “a utopia será romântica ou não será”. Certamente, o significado atribuído ao termo utopia foi o seu original: “o que ainda não existe em nenhum lugar”. Nesse sentido, quais poderiam ser as referências românticas (eventos, pensamentos, autores etc.) para uma utopia por vir?

Michael Löwy: Encontramos aspectos romântico/utópicos mesmo nos escritos de Marx e Engels, muito embora eles não possam ser definidos como pensadores românticos. Por exemplo, quando Engels cita, com muito entusiasmo, as qualidades humanas do comunismo primitivo - em termos de dignidade humana, igualdade, liberdade⁵ -, qualidades que deverão ser recuperadas, num contexto moderno, pelo comunismo do futuro.

5 Löwy se refere a uma passagem da obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), na qual Engels se baseia nos manuscritos que Marx desenvolveu a partir da obra *Ancient Society* (1877) do antropólogo evolucionista Lewis Morgan.

William Morris, socialista revolucionário, marxista libertário, artista e escritor romântico inglês, é autor de um romance utópico, *Notícias de Lugar Nenhum* (Ed. Perseu Abramo, em língua portuguesa⁶) que imagina uma sociedade comunista do futuro que recupera muitos aspectos do passado pré-capitalista.

Aqui na América Latina, o marxista peruano (falecido em 1930) José Carlos Mariátegui referia-se ao comunismo inca, anterior à conquista ibérica, como fundamento dos hábitos coletivistas das comunidades indígenas dos Andes. Ele propunha um socialismo indo-americano, com raízes profundas nas tradições indígenas comunitárias⁷. O movimento indigenista atual na América Latina retoma, sob uma nova forma, esta problemática.

Revice: Você sugere que o Romantismo seja uma “quarta fonte do pensamento marxista” (junto com a economia política inglesa, o socialismo utópico francês e o idealismo alemão), não como uma escola literária, mas sim como uma visão de mundo, ou seja, uma crítica à sociedade

6 Mais em: MORRIS, William. *Notícias de Lugar Nenhum*: ou uma época de tranquilidade. São Paulo: 2002, Perseu Abramo, 318p.

7 Aqui Löwy se refere à passagens que podem ser verificadas na obra: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: 2008, Expressão Popular, 330p.

civil burguesa baseada em valores do passado. Por mais que em sua obra *Revolta e Melancolia* várias tipologias de românticos sejam apresentadas (desde o reacionário até o revolucionário), será que não pode soar perigosa a atribuição do romantismo como um fundamento do pensamento marxista, considerando que Marx, em seu *18 Brumário*, menciona que “não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução pode colher sua poesia”?

Michael Löwy. Essa frase deve ser entendida em seu contexto, como uma crítica aos republicanos pequeno-burgueses de 1848, que sonhavam em imitar os jacobinos de 1793. Mas, na verdade, todas as revoluções colheram sua poesia tanto do passado como do futuro. A Comuna de Paris em 1871 inspirava-se na Comuna de 1794, embora tivesse muitas inovações sem precedente; e a Revolução de Outubro de 1917 tinha como modelo a Comuna de Paris, mesmo que os soviets russos fossem muito diferentes das seções populares de 1871.

Nós não dizemos que o romantismo é o “fundamento” do marxismo. É simplesmente uma de suas fontes de inspiração. A relação de Marx com Sis-

mondi⁸⁹ é um exemplo disso: o *Manifesto Comunista* o critica como “socialista pequeno-burguês”, mas toda sua crítica ao capitalismo é retomada pelos fundadores do socialismo científico. Um outro exemplo interessante são os últimos escritos de Marx sobre a comuna rural russa (carta a Vera Zaslitch), forma “arcaica” que talvez pudesse ser o ponto de partida de uma transformação revolucionária socialista na Rússia¹⁰. Em nosso livro citamos muitos outros exemplos.

Revice: Tal como o Romantismo, você não reduz o Surrealismo a uma corrente literária, atribuindo a este uma alcunha de “movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo”. Podemos considerar, portanto, o Surrealismo como um movimento utópico? Se sim, quais as principais características que constituem sua interpretação acerca do movimento Surrealista?

Michael Löwy: André Breton, o fundador

8 Essa edição da Revista de Ciências do Estado apresenta uma tradução que fiz ao Prefácio (1894) de William Morris à obra *Utopia*, de Thomas Morus, que coloca em questão sua percepção sobre os autores socialistas utópicos.

9 Jean Charles Léonard Sismonde de Sismondi (1773-1842) foi um renomado historiador e economista político da Suíça,

10 A referência de Löwy pode ser verificada na obra: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia**. São Paulo: 2013, Boitempo Editorial, 168p.

do surrealismo, definiu da seguinte forma a utopia revolucionária desse movimento: “Marx disse que devemos transformar o mundo, Rimbaud¹¹ escreveu que devemos mudar a vida. Para nós, surrealistas, essas duas exigências são uma só”. O surrealismo é um violento protesto contra a civilização burguesa ocidental, mas também uma tentativa de reencantamento do mundo, que se considerava herdeira do romantismo¹². O movimento surrealista nunca deixou de ter um compromisso político revolucionário, num primeiro momento (1927-35) junto ao Partido Comunista Francês e, depois da ruptura com este (em 1935), com a Oposição de Esquerda, por exemplo com a visita de Breton a Trotsky no México em 1938 e a redação conjunta do *Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente*¹³. Depois da Segunda Guer-

11 Arthur Rimbaud (1854-1891) foi um renomado poeta francês atribuído à tradição do Simbolismo.

12 Nosso autor desenvolve melhor sua interpretação do surrealismo na seguinte obra: LÖWY, Michael. **A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo**. Rio de Janeiro: 2002, Civilização Brasileira, 157p.

13 O assim conhecido como *Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente* é um texto cuja intenção era aglutinar os artistas que se portavam criticamente ao capitalismo. Vide um trecho do Manifesto: “Consideramos que a tarefa suprema da arte em nossa época é participar consciente e ativamente da preparação da revolução. No entanto, o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado subjetivamente de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior”. O manifesto com-

ra Mundial, os surrealistas vão se aproximar por um tempo dos anarquistas, e vão levar uma atividade radical contra o colonialismo francês, por exemplo, tomando a iniciativa do *Manifesto dos 121* (1960) pelo Direito à Insubmissão contra a guerra da Argélia¹⁴.

Revice: É nítido seu interesse pelo pensamento político da América Latina, com a produção de escritos sobre Che Guevara, Mariátegui, entre outros personagens. São também bastante relevantes suas contribuições para os estudos que envolvem marxismo e religião. Sabe-se que Mariátegui era um cristão assíduo; a Frente Sandinista foi influenciada por ideais cristãos; a JUC (Juventude Universitária Católica) articulou a fé cristã com a política marxista, e não de maneira espontânea, foi exatamente na América Latina que se formou a conhecida Teologia da Libertação. Qual a peculiaridade da esquerda na América Latina que propiciou uma aproximação tão

pleto, bem como textos complementares podem ser encontrados na organização: BRETON, André; TROTSKY, Leon. **Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: 1985, Editora Paz e Terra, 224p.

14 Já o assim chamado *Manifesto dos 121* (Título oficial: "Declaração sobre o direito de insurreição na guerra da Argélia" ou "Declaração sobre o direito de insubmissão na guerra da Argélia") foi um documento publicado em Paris escrito por Dionys Mascolo, Maurice Blanchot e Jean Schuster, assinado por 121 intelectuais renomados à época. O texto integral pode ser encontrado nesse link: <https://www.marxists.org/history/france/algerian-war/1960/manifesto-121.htm>.

forte com o pensamento cristão?

Michael Löwy: Eu não diria que Mariátegui, depois de sua adesão ao marxismo, era um "cristão assíduo", embora ele tivesse muita simpatia por personagens cristãos como Miguel de Unamuno¹⁵. A aproximação entre marxismo e cristianismo na América Latina vai se dar sobretudo depois de 1959, em função de dois acontecimentos distintos, mas que coincidem nesta data: a vitória da Revolução Cubana e a nova orientação da Igreja Católica impulsionada pelo Papa João XXIII e, mais tarde, pelo concílio Vaticano II. Os primeiros "cristãos socialistas" vão ser os militantes da JUC brasileira em 1960, mas o processo vai se estender por todo o continente, tendo um ponto alto na Conferência dos Bispos Latino-americanos de Medellín (1968), que reconheceu ao povo o direito à insurreição contra qualquer forma de tirania. O aparecimento da Teologia da Libertação terá um papel muito importante nessa convergência entre cristianismo e marxismo, que vai se traduzir, no terreno prático, na Revolução Sandinista¹⁶, na guerrilha da "Frente

15 Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1946) foi um romancista, poeta e filósofo espanhol conhecido por ser o principal representante do assim chamado "existencialismo cristão" na Espanha.

16 Referência à revolução popular ocorrida na Nicarágua entre 1979 e 1990, assim chamada em memória ao líder Augusto César Sandino (1895-1934).

Farabundo Martí¹⁷ em El Salvador, e no desenvolvimento de muitos movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no Brasil.

Não se trata, portanto, de uma peculiaridade da esquerda, mas de uma radicalização de muitos cristãos, sejam intelectuais, membros do clero, da juventude e de camadas populares.

Revice: Como é comum nos depararmos com sua militância a favor do Ecosocialismo - uma proposta que concilia a reflexão ecológica com a reflexão socialista -, não poderíamos deixar de tratar desse tema. Considerando o advento do capitalismo verde – ou capitalismo sustentável –, quais suas percepções sobre o modo pelo qual a esquerda tem pautado a questão? Ela tem conseguido apresentar uma contraposição consistente ao avanço desse novo espírito do capitalismo?

Michael Löwy: O capitalismo “verde” ou “sustentável” é uma mistificação. O sistema capitalista não pode existir sem expansão permanente, produtivismo e consumismo ilimitados - e, portanto, sem destruição crescente da natureza e dos equilíbrios ecológicos. O processo de mudança climática, que se agrava com ra-

¹⁷ Referência ao partido político socialista de El Salvador cuja nomenclatura é uma homenagem ao líder comunista Agustín Farabundo Martí (1893-1932).

pidez preocupante, e que constitui uma ameaça à vida neste planeta, é o melhor exemplo disso: apesar de todos os discursos sobre “sustentabilidade”, as emissões de gases com efeito de estufa - produto da queima de carvão e petróleo - tem aumentado assustadoramente.

A esquerda em geral não tem dado importância suficiente para a questão ecológica. Muitos ainda acreditam no “desenvolvimento” capitalista, na “expansão” do PIB, e no “crescimento das forças produtivas” a qualquer preço, não se preocupando com o envenenamento dos rios e das terras, com a destruição das florestas ou com o processo de aquecimento global. Mas a consciência ecosocialista tem se desenvolvido bastante, e setores importantes da esquerda mais aberta e dos movimentos sociais se interessam pela proposta de uma alternativa radical ao capitalismo destruidor da nossa Mãe Terra¹⁸.

Revice: É comum que as entrevistas terminem com análises contemporâneas ou mesmo com profecias feitas pelos entrevistados. Porém, você sempre chama a atenção para um outro lado da moeda do significado de “profecia”: o profeta não é

¹⁸ Löwy explora melhor essa questão através do seu *Manifesto Ecosocialista Internacional* (2001) produzido em coautoria com Joel Kovel e publicado no Brasil como anexo à obra: SATIE, Luis. **Ecosocialismo ou Barbárie**. Joinville: 2009, Clube de Autores, 72p.

aquele que prevê, por meio de um exercício de futurologia, o que está por vir; mas sim aquele que, com sua capacidade de análise do presente, consegue ter uma ideia do que poderá acontecer. Essa entrevista pretende terminar de maneira distinta das convencionais: em vez de solicitarmos para que você faça uma “profecia” considerando o atual contexto, gostaríamos de saber: quais foram as “profecias” exitosas do passado que conseguiram indicar o momento em que nos encontramos hoje?

Michael Löwy: O momento em que nos encontramos, do ponto de vista ecológico, mas também do ponto de vista da vida humana neste planeta, é de cinco minutos antes de meia noite. E urgente agir contra o sistema, se queremos evitar uma catástrofe sem precedentes na história. Isso foi previsto, desde os anos 1960, pelos primeiros ecologistas de esquerda, por exemplo nos Estados Unidos, como Rachel Carson¹⁹, ou o ecologista anarquista Murray Bookchin²⁰, ao qual dedicamos um capítulo de nosso livro *Afinidades Revolucionárias*. Mas também cientistas, clima-

tólogos como James Hansen²¹, tem tirado, há anos, o sinal de alarme. A única “profecia” que podemos fazer é condicional: se permitirmos por mais algumas dezenas de anos que o capitalismo continue destruindo o meio ambiente e os equilíbrios ecológicos (o clima), as consequências para a humanidade serão trágicas. Como dizia Walter Benjamin, “precisamos puxar o freio de urgência para parar este trem suicida²²”.

Edição Geral: Lucas Parreira Álvares

Entrevista: Lorena Martoni de Freitas e Lucas Parreira Álvares

Revisão ortográfica: André Bueno Corrêa Moura e Lucas Parreira Álvares

Apoio: Editora UNESP

19 Rachel Louise Carson (1907-1964) foi uma escritora e ecologista norte-americana responsável por contribuir com a “consciência ambiental” moderna.

20 Murray Bookchin (1921-2006) foi um escritor anarquista norte-americano fundador da “Escola de Ecologia Social”, que sustenta que os problemas ecológicos estão arraigados nos problemas sociais.

21 James Edward Hansen (1941-) é um conceituado climatologista norte-americano.

22 Passagem que pode ser encontrada, dentre outras, através da obra: LÖWY; Michael. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio:** uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: 2005, Boitempo Editorial, 160p.

REFERÊNCIAS

- BRETON, André; TROTSKY, Leon. **Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: 1985, Editora Paz e Terra, 224p.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 3.ed., 2012, 302p.
- LÖWY, Michael. **A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo**. Rio de Janeiro: 2002, Civilização Brasileira, 157p.
- LÖWY; Michael. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: 2005, Boitempo Editorial, 160p.
- LÖWY, Michael; BESANCENOT, Olivier. **Afinidades Revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários**. São Paulo: 2016, Editora Unesp, 200p.
- LÖWY, M; SAYRE, R. **Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da Modernidade**. São Paulo: Boitempo, 1.ed. 2015, 287p.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: 2008, Expressão Popular, 330p.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011, 174p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia**. São Paulo: 2013, Boitempo Editorial, 168p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010, 271p.
- MORGAN, Lewis Henry. **A Sociedade Primitiva I**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 3.ed., 1980, 331p.
- MORRIS, William. **Notícias de Lugar Nenhum: ou uma época de tranquilidade**. São Paulo: 2002, Perseu Abramo, 318p.
- SATIE, Luis. **Ecosocialismo ou Barbárie**. Joinville: 2009, Clube de Autores, 72p.